

## ENTRE O USO E MENÇÃO: A PLURIVOCIDADE

ROSÂNGELA MORELLO  
(UNICAMP)

### I. INTRODUÇÃO

A discussão que desenvolveremos neste texto tem por tema geral o funcionamento de mecanismos meta-enunciativos estruturantes do discurso oral quotidianamente produzido no meio rural<sup>1</sup>. De modo específico, abordaremos os modos em que, nessa prática discursiva, o *outro dizer* se representa como objeto do dizer, ou seja, como um discurso citado ou relatado por/em outro discurso. Tomando por referência as abordagens do assunto desenvolvidas por Authier-Revuz (1978, 1992) e Ducrot (1984), pretendemos situar uma configuração enunciativa particular - a *plurivocidade* - e discutir sua forma e seu funcionamento em relação a outras formas de discurso relatado. Designar as especificidades desta configuração mobiliza também, como prevemos mostrar, questões em torno da menção do dizer e do funcionamento da polifonia em suas relações com as práticas discursivas.

Os mecanismos enunciativos que indicam interposição de dizeres no fio de um dizer são vários e se apresentam seja em formas explícitas como as aspas, os comentários, as glosas, as formas do discurso relatado, etc. (cf. Authier-Revuz, 1978, 1992), seja em formas não explícitas, sutis, como as da ironia. Entre eles se colocam os que, em situações discursivas como as que seguem, recortam a linearidade da seqüência lingüística inscrevendo nela fragmentos de dizer representados como sendo produzidos em *outro lugar* ou por *outrem*.

1. L: *eu falei assim* ajuda eu fazer a minha casa, deixar ela pronta ... né ... e e depois ... então ... às vezes quando eu não agüentava trabalhá...
2. L: o P. *falou que ele vai falar* mesmo pro A. ... oh A. eu entreguei o lugar prá patroa ... agora patrão ... patrão eu não tenho aqui não...

À maneira dos outros mecanismos, observamos que a discordância no campo pessoal (*eu/ele*) e/ou tempo-aspectual (*fala, falei, falou, vai falar*) configura modos de

---

<sup>1</sup> Especificamente, estaremos nos baseando em situações discursivas registradas na região de Colatina, no Espírito Santo, cuja análise sustenta nosso trabalho no mestrado. Este texto é um recorte deste trabalho.

fazer *menção* a um dizer outro, não assimilável ao que o locutor põe em cena como “seu”, no nível do discurso em *uso*. Em outras palavras, observa-se a colocação em cena de uma outra situação enunciativa que se marca na estrutura da língua por uma dissociação de planos enunciativos: o do dizer em uso ou *discurso citante* e o do dizer mencionado ou *discurso citado*. A estrutura *meta-enunciativa* - a *menção* do dizer - e o princípio da *alteridade* - a presença de um *discurso outro* - caracterizam, desse modo, a configuração enunciativo-discursiva em questão. Nesses traços enunciativos característicos do discurso relatado situamos o eixo de sua abordagem neste texto.

## II. DISCURSO RELATADO E ALTERIDADE

De acordo com os estudos que tratam direta ou indiretamente de fatos da meta-enunciação, o traço enunciativo que caracteriza o discurso relatado é a remissão de um fragmento do dizer a um outro ato enunciativo. Ou seja, um ato de enunciação E (cuja estrutura se compõe por um locutor L, um interlocutor I, um enunciado N, um código C e uma situação que compreende, entre outros, um tempo T e um lugar L) tem por objeto um outro ato de enunciação E<sup>2</sup>.

Os diferentes modos pelos quais se dá a relação entre os diferentes sistemas enunciativos apresentam-se geralmente descritos como discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. As distinções básicas entre eles são estabelecidas tanto em função da estrutura sintático-enunciativa quanto das operações discursivas realizadas.

De modo geral, considera-se que no **discurso direto** tem-se a representação de sistemas enunciativos autônomos, dissociados, porque carregam, cada um, suas marcas sintático-enunciativas próprias. A estrutura da enunciação se mostra, então, heterogênea. A operação discursiva básica é a da citação do outro dizer. No **discurso indireto** tem-se a representação de uma integração entre os sistemas enunciativos, de modo que a estrutura enunciativa mantém-se homogênea. O outro dizer é parafraseado e não citado. Nos dois casos, faz-se uma remissão explícita a um outro ato de enunciação. Já o **discurso indireto livre** possui a especificidade de **não fazer notar uma remissão explícita** a um outro ato de enunciação. O reconhecimento de um *dizer outro* no fio do discurso repousa em índices que envolvem todo um contexto discursivo, aí inscritos os interlocutores. Conforme Authier-Revuz (1978), essa especificidade coloca diversas questões a respeito do seu estatuto lingüístico, motivo pelo qual ele tem sido considerado como uma configuração enunciativa particular.

Se esses modos de asserção de um *dizer outro* podem ser caracterizados e circunscritos em função de um conjunto de traços sintáticos e enunciativos, eles também mobilizam aspectos do funcionamento da linguagem cuja abordagem leva a situá-los no campo das reflexões sobre os processos enunciativo-discursivos, considerando o que, em sua natureza, se faz presente: a relação com a alteridade. E esta relação de forma alguma fica restrita ao fato de estar marcada no fio do dizer. Ao contrário, ela deve ser considerada como necessária e inevitável.

---

<sup>2</sup> Uma análise detalhada do discurso relatado pode ser lida em J. Authier, 1978.

Ao examinarmos aqui a natureza da relação com a *alteridade*, nos mecanismos que selecionamos, tomamos por referência principalmente três lugares teóricos de formulação da dimensão constitutiva do *outro*. Um deles é o que estabelece uma concepção dialógica da linguagem e mostra a constituição polifônica dos textos ou enunciados, tendo por base os trabalhos de Bakhtin . Outro é o que trata dos processos de constituição do sujeito na perspectiva psicanalítica (cf. os trabalhos de Lacan), tomando por princípio a heteronomia radical do inconsciente. Por fim está o que considera o funcionamento histórico e ideológico da linguagem, e portanto, das enunciações, no campo de reflexão aberto por Pêcheux. A historicidade equivale, nessa perspectiva, às relações interdiscursivas que *pré-constroem* as definições e conceitos utilizados nas enunciações e *sustentam* as relações de sentido desejadas.

Para a reflexão sobre os processos enunciativos, em sua totalidade, as vias que se abrem por meio destes três lugares conduzem sempre a um ponto: o da impossibilidade de se negligenciar a *alteridade* dos e nos enunciados. A consideração do *outro discurso* presentificado nas formas do discurso relatado não foge, portanto, a essa observação. É nessa direção que se colocam as abordagens de Authier-Revuz e Ducrot, fornecendo-nos, cada uma a seu modo próprio, novos elementos para a análise dos fatos enunciativos que focalizamos.

Propondo que se distinga entre o que é do nível da enunciação e do enunciado, Ducrot estabelece uma disjunção entre sujeito-falante e locutor. Diferentemente do sujeito-falante, sujeito empírico que produz um ato de fala, o locutor (L) é apresentado como um lugar enunciativo determinado pelo sentido do enunciado sendo, portanto, passível de descrição de um ponto de vista interno a ele. O locutor é apresentado, desse modo, como uma ficção discursiva. Conforme o autor, “certamente do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas” (idem, 187). Descrevendo, inicialmente, a disjunção sujeito-falante e locutor e, através dela, fazendo intervir uma análise das diferentes posições enunciativas (os diferentes enunciadores) que conformam o lugar de L, Ducrot considera que o enunciado pode fazer ouvir a voz de mais de um enunciadore, o que o leva a concebê-lo como fundamentalmente polifônico, sustentando essa concepção no conceito de polifonia esboçado por Bakhtin na análise de textos literários. Uma das formas de análise do enunciado consiste, desta maneira, em explicitar as diferentes posições enunciativas que o compõem e que estão indicadas em seu sentido.

Desse lugar, as formas do discurso relatado se deixam descrever como um desdobramento do locutor, desde que “o sentido do enunciado atribuiria à enunciação dois locutores distintos, eventualmente subordinados” (op.cit.,186). De acordo com o autor, a atribuição de um lugar enunciativo ao locutor desloca, por outro lado, a concepção lógica da menção do dizer, porque ela não exige uma conformidade material entre a fala “original” e a relatada. Em conseqüência, não se mobiliza, na análise, a idéia de veracidade contida nessa concepção lógica, uma vez que L apenas coloca em cena, por motivos e em formas diversas, um dizer outro.

Pelo desdobramento dos papéis enunciativos inerente a qualquer enunciado, Ducrot generaliza a polifonia. Calcada em uma análise interna ao enunciado, essa

generalização acaba, por isso mesmo, por restringir a discussão sobre a relação sujeito e enunciação, não contemplando explicitamente questões sobre a natureza dos processos de sua produção. Nas formas do discurso relatado, como em outras, tem-se uma dupla enunciação, considerada por Ducrot como uma forma de polifonia. A abordagem do discurso relatado se coloca, dessa maneira, no interior de suas formulações sobre a teoria polifônica, prescindindo de um tratamento mais detalhado enquanto configuração meta-enunciativa. Por outro lado, é no traçado da meta-enunciação que Authier-Revuz situa sua discussão sobre essa forma de dizer.

Realizando, inicialmente, uma análise detalhada das propriedades sintáticas e semânticas definidoras, para alguns autores, das formas do discurso relatado, Authier-Revuz as aborda, no decorrer de seu trabalho, como uma dentre outras formas de menção do dizer, consideradas tanto em sua estrutura *meta* quanto em seu funcionamento na atividade da linguagem, como modalidade enunciativa<sup>3</sup>.

De acordo com a autora, nas formas do discurso relatado, assim como nas das glosas, comentários, aspas, etc., se tece um modo de dizer dobrado, na medida em que elas incidem sobre o fio do discurso para designar um fragmento como um discurso outro ou de outro, ou então para re-dizê-lo sob certa maneira ou sentido. Essas dobras resultam, conforme a autora, do fato de que toda enunciação se faz de uma não-coincidência fundamental entre palavra e coisa, das palavras consigo mesmas, entre os enunciadores e do enunciador consigo mesmo. Todo processo de nominalização trabalha essa não-coincidência. As formas meta-enunciativas vêm designá-la no fio do dizer, *representando* o movimento entre a alteração e a afirmação do um, e o reconhecimento da alteridade, do não-um. Para considerar essa alteridade, a autora faz intervir principalmente os conceitos de *dialogismo*, de Bakhtin, o de *inconsciente*, trabalhado por Lacan no campo da psicanálise, e o de *interdiscurso*, de Pêcheux.

Recortando esses campos do saber, Authier-Revuz considera que a representação da alteridade no discurso, constitutiva da estrutura meta-enunciativa, não reside em uma escolha do sujeito. Ao contrário, ela mostra uma negociação obrigada com o outro constitutivo que, para o sujeito, vem desde sempre se apresentar como localizável e controlável. Os diferentes mecanismos que pontuam a emergência do discurso outro no discurso, representando essa negociação, dizem respeito, por isso, a uma atividade necessária, porém ilusória, de controle-regulagem da enunciação pelo sujeito<sup>4</sup>.

Sem perder de vista a especificidade de cada um dos estudos mencionados, o que importa destacar, para os objetivos desse texto, diz respeito ao estatuto do discurso relatado, bem como ao seu funcionamento enquanto modalidade meta-enunciativa de estruturação do discurso. Inscritas nessas concepções de uma alteridade radical, ou de uma polifonia estruturante das enunciações, as formas do discurso relatado podem ser

---

<sup>3</sup> Fazendo intervir conceitos particulares como os de *autonomia* e *conotação autonômica* apresentados por J.-Rey Debove, Authier realiza uma análise multifacetada e extensiva das diferentes formas de menção do dizer e traça as fronteiras da configuração enunciativa por ela definida com *modalidade autonômica do dizer*. Deste quadro são recortadas aqui suas considerações a respeito do discurso relatado.

<sup>4</sup> Neste ponto, remetemos tanto às formulações, no campo da psicanálise, sobre os processos de identificação do sujeito em sua inscrição no simbólico, indicadas por Authier, quanto à Teoria do Esquecimento e ao Princípio da Ilusão Referencial, elaborados por Pêcheux, visando a explicar o modo pelo qual o sujeito se constitui na Ilusão da evidência de si mesmo e dos sentidos.

compreendidas como formas de negociação com o discurso outro. Conforme Authier, enquanto o discurso direto e o discurso indireto possuem a especificidade de fazer menção explícita a um outro ato de enunciação - a eles cabendo, por isso, a denominação de formas de discurso relatado - o discurso indireto livre apresenta um funcionamento similar a outras formas de modalização autonímica do dizer.

Em seu conjunto, essas considerações orientam nossa abordagem dos mecanismos meta-enunciativos recorrentes no discurso rural cotidiano e nos fornecem subsídios para designar, neste discurso, uma forma particular de fazer menção ao *discurso outro*: a plurivocidade. Embora se componha de traços meta-enunciativos que permitem aproximá-lo das outras formas do discurso relatado, o modo de dizer plurívoco não está recoberto por nenhuma delas.

### III. PLURIVOCIDADE

A observação do modo de representação e funcionamento do discurso outro presentificado em formas como eu falo/falei (X) ele/ela fala, falou (X), permite notar que ele pode, em muitas situações, ser assimilado a uma ou outra forma de discurso relatado.

No entanto, há situações discursivas em que o dizer que *é mencionado*, e que portanto, aparece representado como *outro*, se funde, se mistura, em uma relação argumentativa e explicativa complexa, com o discurso *citante* ou em *uso*.

Nessas situações, o dizer se constrói em um vai-e-vem entre os planos enunciativos - o do dizer em uso e do dizer em menção - de modo que um mesmo enunciado pode estar articulado a um ou outro desses planos ou aos dois ao mesmo tempo.

A leitura de uma destas situações discursivas pode tornar mais clara nossa colocação.

1. L : é que nem o J. *falou* lá em casa no dia da festa ... o J. tava lá *ele falou* ... **ocês tem que ir lá ocês *ele falou* ... olhá bem para fazer a casa porque depois que tá feita** ... né ... D? então ... num pode falá ... né? porque num fez lá ... Tem que olhar muito bem *ele falou* ... antes ... antes de fazer.

O enunciado **olhá bem para fazê a casa porque depois que tá feita ... né ... D?** se articula a *ele falou* ... e por isso está representado como um dizer citado, mencionado, produzido por um L2 em outra situação enunciativa. Mas, ao mesmo tempo, sobre ele incide outra forma - o marcador de interlocução *né* **porque depois que tá feita ... né ... D?** (sendo D o interlocutor) - o que o coloca como uma fala de L1 - no plano do discurso citante ou em uso.

Resulta desse fato uma impossibilidade para circunscrever a parte do enunciado que se configura como o **discurso outro, citado**, e a outra parte em que ele se configura como discurso **citante**. Este enunciado se constitui, pois como um enunciado

**marcadamente plurívoco.** A essa configuração visivelmente plurívoca é que denominamos *plurivocidade*.

Além da incidência de mais de uma marca enunciativa sobre um mesmo enunciado, também a mudança do tempo verbal permite assinalar a existência de um dizer plurívoco. Em nosso entender, é o que ocorre em situações como L: ***eu falei assim ...ele que tinha que me ajudar que ele tem duas fazendas é rico e tem só a mãe dele.*** *Eu falei* remete a um dizer mencionado, do que resulta a ocorrência de **tinha**. No entanto, **tem, é, tem** desestabilizam o eixo da enunciação em *menção*, na medida em que faz o enunciado funcionar também em/como uma situação enunciativa distinta: a do dizer em uso.

Uma análise da plurivocidade visando a estabelecer suas relações com as formas do discurso direto, indireto e indireto livre, nos dá indicações sobre algumas de suas especificidades. Tomando por base as situações analisadas, torna-se possível assinalar duas dessas especificidades.

A primeira é que a *plurivocidade* mobiliza sinais próprios ao discurso relatado, **falar: “...”** e **falar que ...**. No entanto, a presença desses sinais não garante para o enunciado o estatuto de um dizer somente mencionado, circunscrito a uma outra situação de enunciação. Outras marcas enunciativas como, nas situações analisadas, o marcador de interlocução **né** e a mudança do tempo verbal, incidem sobre o enunciado, fazendo com que ele se configure também como um dizer no campo do discurso que cita, ou seja, do discurso em uso. Trata-se, desse modo, de um enunciado duplamente marcado. Por isso, um enunciado que se estrutura pela **palavra da qual e com a qual se fala**.

A outra especificidade é decorrente dessa primeira e diz respeito ao fato da plurivocidade remeter ao fenômeno de **mais de uma voz falando no mesmo enunciado**. Isso nos leva a observar de modo particular sua relação ao discurso indireto livre. No entanto, justamente porque se faz como um dizer **marcadamente plurívoco**, ela se diferencia deste. Ou seja, no discurso indireto livre, o reconhecimento da plurivocidade se dá a partir de índices recuperáveis no discurso em função do seu contexto de produção. No caso que analisamos, o enunciado não é compreendido “fora” da plurivocidade: esta não se apresenta como recuperável, como uma possibilidade, mas como um fato observável necessário em sua interpretação.

Esses traços específicos à configuração enunciativa da plurivocidade indicam a necessidade de se considerar a existência de uma relação particular entre *uso* e *menção* na estruturação do discurso rural quotidianamente produzido.

A questão que consideramos significativa neste sentido diz respeito ao fato de não se produzir, em tal processo enunciativo, uma delimitação distinta, isto é, acertada e arrumada, entre *uso* e *menção*, e isto produz efeitos, em nosso entender, sobre os modos de compreensão dos desdobramentos do sujeito na enunciação. Este fato de linguagem é passível de um maior detalhamento e pode ser considerado em relação à noção de **incompletude** sustentada por Orlandi (1988), e articulado em função da idéia de **indistinção** na linguagem<sup>5</sup>, ganhando assim, outras especificações.

---

<sup>5</sup> Esse argumento encontra-se desenvolvido mais detalhadamente em nossa dissertação de mestrado.

Para os objetivos desse texto, cumpre dizer que o não-limite entre o dizer do **um** e o do **outro** caracteriza um processo enunciativo que se contrapõe àquele dos discursos da verdade (os dogmáticos e os científicos, por exemplo) que pretendem, conforme Authier (1982), apagar todo traço de heterogeneidade, querendo desde sempre mostrá-la sob controle.

Por outro lado, a investigação de um modo de enunciação em que o dizer se mostra como marcadamente plurívoco toca diretamente a questão da polifonia.

Ao se caracterizar como um dizer marcadamente plurívoco, a configuração enunciativa da plurivocidade se apresenta como uma representação explícita da estrutura polifônica de um enunciado. Nela se torna visível o fato de que, conforme Ducrot, se possa atribuir a um mesmo enunciado diferentes papéis enunciativos desempenhados por personagens distintos. Especificamente, o desdobramento na enunciação faz com que os enunciados tenham locutores distintos e irredutíveis L1 [L2 ...].

No entanto, o fato de um mesmo enunciado mencionado se apresentar duplamente marcado coloca em cena dois locutores simultâneos ou nenhum. Isso porque, nessa forma de dizer, se produz um preenchimento excessivo do lugar de L e no mesmo movimento se produz uma dispersão desse lugar. Esse fato indica que o modo de representação do sujeito no discurso tal como ele se realiza através de uma conjunção de marcas formais e discursivas - implicadas na organização do dizer essas marcas conferem uma representação de unidade ao sujeito e ao discurso - esse modo de representação atesta, no caso em que analisamos, também uma dispersão.

Em seu funcionamento, essa dispersão não se deixa arrumar conforme as descrições em vigor da estrutura polifônica. Diríamos que a dispersão, nos casos em que analisamos, é estruturante do discurso, inclusive dos mecanismos enunciativos que tornam explicitada a polifonia.

A consideração do caráter estruturante da plurivocidade - e da dispersão que a acompanha - nos processos enunciativos analisados faz com que a própria oralidade se coloque como um fato a ser tomado em toda sua complexidade. No momento, queremos apenas deixar indicado que a natureza oral das situações discursivas a que nos referimos investe a língua de uma materialidade distinta daquela da escrita, e isso produz, como efeito, um desnivelamento entre seus modos de representação. No entanto, reconhecer essa diferença implica, em nosso entender, aceitar o desconforto de não reduzir uma à outra. Em outras palavras, significa atentar para o fato de que as estruturas lingüísticas, em sua materialidade, produzem sentidos que, justamente, não se deixariam dizer em formas diferentes.

## BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-REVUZ, J. 1978. "Les formes du Discours Rapporté: Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés". *DRLAV*, n° 17.
- \_\_\_\_\_. 1980. "Paroles Tenues à Distance". In: *Matérialités Discursives*. Nanterre, Paris.
- \_\_\_\_\_. 1982. "Hétérogénéité Montrée et Hétérogénéité Constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". *DRLAV*, n° 26.
- \_\_\_\_\_. 1984. "Hétérogénéité(s) Enunciative(s)". *Language*, n° 73.
- \_\_\_\_\_. 1992. *Les Non-coïncidences du dire et leur Représentations Méta-énonciatives. Etude Linguistique et Discursive de la Modalisation Autonomique*. Thèse présentée en vue du Doctorat d'Etat, Université de Paris VIII.
- BAKHTIN, M. 1929. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4. ed. Hucitec, SP, 1988.
- DUCROT, O. 1984. *Le dire e Le Dit*. Trad. bras. *O Dizer e o Dito*. Pontes, Campinas, SP, 1987.
- MAINGUENEAU, D. 1981. *Approche de L' Enonciation en Linguistique Française*. 6. ed. Hachet, Paris.
- ORLANDI, E. P. 1987. *A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso*. 2. ed. Pontes, Campinas, SP.
- \_\_\_\_\_. 1984. "Segmentar ou Recortar?" em *Linguística: questões e controvérsias. Série Estudos*, n° 10, Fiube, Uberaba.
- \_\_\_\_\_. 1989. *Vozes e Contrastes. Discurso na Cidade e no Campo*. Cortêz, SP.
- PÊCHEUX, M. 1969. *Analyse Automatique du Discours*. Trad. Bras. "Análise Automática do Discurso" em *Por uma Análise Automática do Discurso*.
- \_\_\_\_\_. 1975. *Les Vérités de La Palice*. Trad. Bras. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Ed. da Unicamp, SP, 1988.
- \_\_\_\_\_. 1980. "L'énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison" em *Matérialités Discursives*. Presses Universitaires de Lille, Paris.
- \_\_\_\_\_. 1983a. "A Análise do Discurso: Três Épocas (1983)". In: *Por uma Análise Automática do Discurso*. op. cit.
- \_\_\_\_\_. 1983b. *Discours: Structure or Event?* Trad. Bras. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Ed. Pontes. Campinas, SP, 1990.